

O DIÁLOGO INTERTEXTUAL EM *O GRANDE MENTECAPTO* DE FERNANDO SABINO

Maraiza Almeida Ruiz¹
Sérgio Vicente Motta²

RESUMO: o presente estudo discute o diálogo intertextual existente entre o romance brasileiro *O Grande Mentecapto*, de Fernando Sabino, e outras obras de escritores mineiros, explicitando as transformações que as obras citadas ou referidas provocam no discurso do romance em questão. Com um olhar mais atento sobre o plano discursivo da obra, podemos perceber a presença de um jogo lúdico e burlesco, típico do discurso carnavalesco, com as fronteiras entre o real e o fictício, onde o diálogo intertextual se insere.

PALAVRAS-CHAVES: intertextualidade; carnavalização; romance brasileiro contemporâneo.

RESUMEN: El presente estudio discute el diálogo intertextual existente entre la novela brasileña *El Gran Mentecato*, de Fernando Sabino, y otras obras de escritores mineros, explicitando las transformaciones que las obras citadas o referidas provocan en el discurso de la novela en cuestión. Con una mirada más atenta sobre el plano discursivo de la obra, podemos percibir la presencia de un juego lúdico y burlesco, típico del discurso carnalesco, con las fronteras entre el real y el ficticio, donde el diálogo intertextual se inserta.

PALABRAS LLAVES: intertextualidad; carnavalización; novela brasileña contemporánea.

O discurso do romance brasileiro *O Grande Mentecapto*, de Fernando Sabino, é carnavalesco e dialógico, pois está assentado em uma linguagem lúdica capaz de produzir o riso carnalesco e dialogar abertamente com outros textos. Segundo Bakhtin, “[...] o romance, tomado como um conjunto, caracteriza-se como um fenômeno pluriestilístico, plurilíngua e plurivocal” (BAKHTIN, 1988, p. 73).

No romance em questão, o plano discursivo é construído a partir do diálogo intertextual. A obra é narrada em terceira pessoa por um narrador pesquisador que se coloca como autor do *relato das aventuras e desventuras de Geraldo Viramundo e de suas inenarráveis peregrinações*. O referido narrador relata a biografia do protagonista Viramundo a partir de sua própria memória e da memória de outros personagens, dialogando com muitos

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, campus de São José do Rio Preto (UNESP). Pesquisa apoiada pela CAPES. E-mail: maraiza_ruiz@hotmail.com

² Docente do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, campus de São José do Rio Preto (UNESP). E-mail: svmotta@ibilce.unesp.br

textos e dizeres dando, por diversas vezes, voz ao protagonista e às demais personagens para que contem, com suas próprias palavras, o que sabem a respeito de Geraldo Viramundo.

Diante de tamanha diversidade de dizeres e discursos que *O Grande Mentecapto* nos traz, podemos perceber que as várias citações, alusões e referências contidas na obra não são gratuitas, mas transformam esse discurso carnavalizado, construindo novas relações semânticas e renovando-o por meio do diálogo. A esse respeito, Kristeva destaca que “[...] todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 1974, p. 64). Ao inserir um discurso dentro de outro, há um deslocamento e uma reconstrução de sentidos, ou seja, o discurso é modificado de alguma maneira pelos dizeres que incorpora.

Por sua vez, Tiphaine Samoyault ressalta o fato de que a intertextualidade está na origem do romance moderno, pois *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, repousa sobre a paródia, o desvio dos romances de cavalaria. Samoyault ainda afirma que:

A literatura se escreve com a lembrança daquilo que é, daquilo que foi. Ela a exprime, movimentando sua memória e a inscrevendo nos textos por meio de um certo número de procedimentos de retomadas, de lembranças e de re-escrituras, cujo trabalho faz aparecer o intertexto (SAMOYAULT, 2008, p. 47).

Dessa maneira, o presente estudo visa discutir o diálogo estabelecido entre *O Grande Mentecapto* e outras obras de escritores mineiros e as contribuições semânticas decorrentes de tal diálogo intertextual³. Michael Bakhtin, em sua pesquisa sobre a literatura carnalizada, no livro *Questões de Literatura e de Estética*, de 1988, afirma que a alteridade é o ponto-chave do diálogo intertextual, pois esse diálogo só é válido quando o texto citado traz algum tipo de alteração ao texto ao qual se incorpora. Sobre o assunto, Samoyault, também argumenta:

Mesmo quando é absorvida pelo texto, a citação abre-o para uma exterioridade, confronta-o com uma alteridade que perturba sua unidade, coloca-o do lado do múltiplo e da dispersão. Numerosas questões teóricas da intertextualidade estão ligadas a este aspecto e todo o interesse de um estudo intertextual consiste em medir os efeitos poéticos desta abertura (SAMOYAULT, 2008, p. 67).

³ Para tal discussão, utilizaremos a 67ª edição de *O Grande Mentecapto*, do ano de 2006, pois ela contém um anexo com as citações e referências contidas no romance apresentadas e comentadas pelo próprio autor Fernando Sabino. A edição original do romance, de 1979, bem como as anteriores ao ano de 1996 não contém tal anexo, pois o autor somente publica essas citações e referências em sua *Obra Reunida* (1996). A partir dessa data, as citações e referências passam a integrar todas as edições do romance como anexo.

Vale destacar previamente que o referido romance coloca-se como uma obra que cuida principalmente⁴ de mineiros e, portanto, cita direta e indiretamente muitas obras de escritores mineiros, o que não passa de uma ironia do narrador em relação às fronteiras discursivas, pois o romance transcende essas fronteiras incorporando obras de vários lugares e épocas, mas as contribuições semânticas advindas desse diálogo intertextual mineiro são importantes para o romance.

Há, por exemplo, um forte diálogo com o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade. O narrador refere-se às suas obras em diversos momentos da narrativa, como o momento em que Viramundo está olhando os profetas do Aleijadinho em Congonhas do Campo: “Era aquela hora tardonha e morna, na indolência de Minas Gerais, em que o sol castiga os telhados e só, na porta da venda, Tutu Caramujo cisma na derrota incomparável” (SABINO, 2006, p. 163).

Nesse episódio, é citado diretamente o último verso do poema *Itabira* de Drummond, publicado no livro *Alguma Poesia* em 1930: “só, na porta da venda, Tutu Caramujo cisma na derrota incomparável”. É realizada uma comparação entre Viramundo e Tutu Caramujo, um ser retraído e solitário que está na porta de uma venda refletindo sobre uma derrota sofrida: os ingleses compraram a mina. Viramundo também é um ser retraído e só, com sua condição de andarilho, e essa “hora tardonha e morna” é muito trágica no romance, pois enquanto o protagonista admirava com grande angústia os profetas de Aleijadinho, os guardas matavam a golpes de sabre o cego Elias, amigo de Viramundo. Portanto, o protagonista também sofre uma “derrota incomparável” com a morte brutal do amigo cego.

Além disso, *O Grande Mentecapto* estabelece intertextualidade com a poética de Drummond em outros episódios: “Em Brejo das Almas encontrou pela primeira vez o poeta maior e em Itabira prestou-lhe homenagem, de joelhos diante do sino da igreja que o batizou, rendendo graças à poesia e ao sentimento do mundo que ela lhe deu” (SABINO, 2006, p. 187).

No trecho acima mencionado, o anti-herói Viramundo passa pela cidade de *Brejo das almas*, que na verdade trata-se de um livro de poemas de Drummond, publicado em 1934. Esse procedimento lúdico do narrador, o qual se insere cidades fictícias no relato, ou seja, cidades que se referem a títulos de obras ou lugares com uma existência literária, dá ao

⁴ O narrador diz “exclusivamente”, mas trata-se do seu discurso carnavalizante, em que está se apropriando de referências também provenientes de outros tempos e lugares.

discurso o tom da burla carnavalesca, da linguagem liberta de obrigatoriedade com o referente no mundo real, conferindo à narrativa um duplo aspecto ficcional, já que ela situa-se duplamente no universo literário como ficção da ficção.

Como o título sugere, há de maneira geral nos poemas de *Brejo das almas* um lirismo pessimista que expressa certo desencanto diante da realidade que cerca o eu-lírico. Dotado de uma enorme sensibilidade, Viramundo é um leitor da poesia drummondiana e seu estado de espírito expressa, em diversos pontos da narrativa, uma frustração e desencanto diante da realidade, o lado *gauche* da poesia de Drummond se faz muito presente na personalidade do anti-herói Viramundo, sempre marginalizado, desviante e desajustado em relação ao mundo.

Além de *Brejo das almas*, o trecho acima citado também se refere ao livro de poemas *Sentimento do mundo* do referido poeta, publicado em 1940. Podemos dizer que o sentimento do mundo que a poesia drummondiana dá ao protagonista com esse livro de poemas possivelmente é o de comprometimento com o aspecto político e social e a esperança em relação a uma possível revolução. Viramundo é um personagem com uma percepção aguçada e que sempre desafia o poder em defesa dos fracos e de uma situação social mais digna.

O Grande Mentecapto faz referência também ao escritor mineiro Emílio Moura e o autor do romance faz um comentário interessante a respeito desse escritor:

[...] ‘Emílio Moura, bardo de lírica inspiração, talvez irmão espiritual de Viramundo, mas que na época não foi para Ouro Preto e sim para Dores do Indaiá’ — Poeta, da geração anterior a minha, realmente de lírica inspiração e doce figura humana com quem tive a sorte de conviver. A ele seu companheiro Carlos Drummond de Andrade dedicou na época uns versinhos de brincadeira:

*O poeta Emílio Moura
Com suas pernas compridas,
E seu comprido comprido
Coração de sabiá,
Deixou as noites de farra,
Disse adeus à boemia
E foi para Dores do Indaiá* (SABINO, 2006, p.238).

Além dessa comparação com o escritor Emílio Moura, Viramundo é comparado também com o escritor Pedro Nava, sobre o qual o autor do romance também tece um comentário semelhante:

[...] ‘não seria outro senão o grande memorialista Pedro Nava, com quem Viramundo sem dúvida tinha mais de um ponto em comum’.
— Sem dúvida alguma. Também mereceu do poeta Carlos uns versinhos sobre sua terra natal:

Meu amigo Pedro Nava

Disse adeus a Juiz de Fora.
Parabéns a Pedro Nava
Parabéns a Juiz de Fora (SABINO, 2006, p.238).

Ambas as citações acima mencionadas enfatizam o procedimento lúdico do narrador, que provoca o riso carnavalesco, pois, ora compara o protagonista com escritores mineiros, ora compara-o com personagens de obras literárias, como se verá a seguir. Sabino oferece aos leitores comentários sobre as citações e referências presentes na narrativa, revelando sua relação de referencialidade com o mundo exterior à obra. Nas citações acima, é feita uma comparação entre a personalidade dos escritores Emílio Moura e Pedro Nava e a do anti-herói Viramundo: de Emílio Moura, Viramundo provavelmente herda a docilidade humana e, de Pedro Nava, provavelmente herda a sensibilidade memorialística apurada.

O diálogo intertextual do romance em questão se realiza também por meio da citação de outros romances: “deixo-os para trás e sigo pressuroso na minha vereda, segundo o simples esquema de João Guimarães Rosa, mal comparando: não perder nunca o fio da meada, nem que esta me leve a afundar-me no que seria dela um mero erro tipográfico” (SABINO, 2006, p. 81). Nesse episódio, o narrador, após uma pausa metalinguística, retoma “o fio da meada” do relato e prossegue com a biografia do anti-herói Viramundo, seguindo o mesmo esquema narrativo da obra *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, publicado originalmente em 1956.

O romance de Guimarães Rosa não segue um padrão de narração linear, mas se constitui por meio de veredas, sem perder o fio narrativo: Riobaldo, o protagonista da obra, narra sua própria história num fluxo de memória sem, no entanto, perder o fio narrativo. Em *O Grande Mentecapto*, por sua vez, o narrador constrói — ou reconstrói — a biografia de Viramundo a partir de suas investigações como pesquisador, investigações essas pautadas na memória das demais personagens da narrativa ou de outras pessoas que não se configuram personagens propriamente ditas, mas aparecem como fontes de informação anônimas ou generalizadas.

Dessa maneira, a biografia de Viramundo é apresentada ao leitor por meio da memória do próprio narrador ou de outras personagens, o que confere realismo ao relato, pois o protagonista existe na memória coletiva, na memória cultural brasileira. O narrador do romance em questão também não perde o fio narrativo; ele faz pausas explicativas ou

metalinguísticas e até mesmo comentários livres, estabelecendo um diálogo aberto com o leitor, mas sempre retoma o relato, tentando dar-lhe a maior linearidade possível.

O fato de a narrativa inserir-se no universo da memória impossibilita a reconstituição linear da biografia do protagonista, porque a narrativa aproxima-se do sonho, do universo onírico e do universo da imaginação criadora de informações, resultando uma biografia fragmentada de um anti-herói ambivalente, que não pode ser abrangido por completo. A presença dessa memória individual e coletiva ajuda a explicar o subtítulo da obra — *relato das aventuras e desventuras de Geraldo Viramundo e de suas inenarráveis peregrinações* —, pois não é possível narrar por completo as peregrinações de Geraldo Viramundo.

Em outro momento da narrativa, há uma referência a Diadorim, personagem de *Grande Sertão: Veredas*: “Há também em Minas quem chegue a afirmar que Viramundo era irmão mais moço de Diadorim, mira e veja! Nonada” (SABINO, 2006, p. 119). Aqui o narrador insere novamente o protagonista no universo literário como se Diadorim tivesse uma existência concreta fora das páginas do romance de Guimarães Rosa. A respeito do parentesco entre Viramundo e Diadorim, ele pode estar assentado na ambivalência de ambos, pois Diadorim simboliza a síntese entre o masculino e o feminino, o celeste e o demoníaco, a certeza e a dúvida, etc.; Viramundo, por sua vez, representa a síntese entre a fantasia e a realidade, a lucidez e a loucura, o herói e o anti-herói.

O narrador realiza um cômico jogo com os nomes de alguns autores mineiros e suas obras, “O Esquadrão de Cavalaria estava acampado no Chapadão do Bugre, às margens do riacho do Pau Mério, perto de uma localidade denominada Vila dos Confins, e acreditando achar-se às margens do São Francisco e perto de Pirapora” (SABINO, 2006, p. 121). Nesse episódio do romance, é feita uma referência a duas obras do escritor mineiro Mário Palmério: *Vila dos Confins*, de 1956 e *Chapadão do Bugre*, de 1963.

Os nomes das obras e do escritor se transformam em topônimos no romance em questão. O nome do autor sofre uma mudança gráfica, sendo alterado de “Palmério” para “Pau Mério” e passa a denominar um riacho. As duas obras literárias às quais o romance se refere trazem uma forte crítica política e, no episódio em que são inseridas, colaboram para o fortalecimento da sátira. Em *Vila dos Confins*, há uma crítica ao processo eleitoral no Brasil do século XX calcado na falta de consciência política da população.

Já *Chapadão do Bugre* critica a violência infundada e desmedida dos coronéis e jagunços no sertão mineiro, em que o mais poderoso manda e o mais fraco tem de obedecer

sempre. A referência a essas duas obras em *O Grande Mentecapto* não é gratuita, porque serve para rebaixar a figura dos militares e reforçar a sátira. O Esquadrão da Cavalaria presente no romance é extremamente cômico, capaz das atitudes mais ridículas e alienadas como, por exemplo, não saber onde está e o que está fazendo. Essa falta de reflexão e de consciência crítica é satirizada no romance em questão.

Além disso, as obras *Serras Azuis* e *Branca Bela*, de Geraldo França de Lima, também são citadas no romance: “Foi seguindo assim mesmo, e o dia começava a clarear, quando [Viramundo] deu com os costados em uma cidadezinha dos lados de Serras Azuis chamada Branca Bela, que de bela só tinha o nome” (SABINO, 2006, p.125). *Serras Azuis* é um romance, publicado em 1961, que tem como ponto principal uma tragédia amorosa entre os filhos de famílias inimigas sobreviventes de uma chacina, mas há também no romance histórias paralelas e folclóricas.

O Grande Mentecapto é um romance que pertence ao campo do sério-cômico da literatura carnavalesca que, de maneira semelhante a *Serras Azuis*, mescla o trágico e o folclórico. *Branca Bela* é um romance publicado em 1965, que possui uma heroína revolucionária e tida como diferente das demais pessoas com quem convive. Viramundo também é um anti-herói tido como diferente e marginal à sociedade, além de um ser revolucionário, pois desafia sempre o poder em busca da liberdade. Vale ressaltar ainda a ironia do narrador quanto ao título da cidade fictícia de Branca Bela, que não possui nenhuma beleza, o que caracteriza novamente o jogo carnavalesco que o narrador realiza discursivamente, valendo-se da burla e do desvio.

Além disso, o diálogo intertextual também é realizado com as obras do escritor mineiro João Alphonsus: “Graças a essa condescendência do grande mentecapto em relação a bicho tão repelente, admitindo que circulasse à vontade em vez de matá-lo a pau, como se deve proceder, * [...]” (SABINO, 2006, p. 145). O presente trecho é complementado pela seguinte nota do autor ao pé da página: “Para maiores informações sobre o assunto, consultar o conto ‘Galinha Cega’, no livro do mesmo nome, da autoria de João Alphonsus”.

O livro *Galinha Cega*, publicado em 1931, contém vários contos, dentre eles o referido *Galinha Cega*, no qual o protagonista tenta matar o gambá que matou sua galinha de estimação, mas ao final desiste do intento. O carroceiro protagonista do referido conto, do mesmo modo que Viramundo, tem uma atitude condescendente com o gambá e com os animais de modo geral. Tal semelhança revela que, em ambos os textos, há uma humanização

dos animais, capazes de atitudes mais puras e inocentes que os homens com os quais os protagonistas convivem.

Em um diálogo do narrador de *O Grande Mentecapto* com alguns personagens, há referências a outras duas importantes obras de escritores mineiros:

Alan Prateado, outro celebrado romancista das Alterosas, afirma com segurança:

—Sei que existiu, porque lá em Patos de Minas, quando eu era menino, até se cantava uma musiquinha dedicada a ele, assim: *Oi, cadê Viramundo, pomba...*

— não é *pomba* não? — pergunto, tomando nota.

—Não. É *pomba* mesmo — assegura o romancista que sabe o risco do bordado.

Em Curvelo, encontro traços substanciais da presença do grande Mentecapto. Dizem eles de uma noite passada por Viramundo na própria casa assassinada por Lúcio Cardoso em sua famosa crônica — noite esta que, depois de haver eu mencionado tantas sumidades no campo das letras, atira-me aos ombros grande responsabilidade ao tentar descrevê-la (SABINO, 2006, p.179).

Nesse trecho, há uma inversão burlesca por parte do narrador quanto ao nome “Alan Prateado”, que na verdade trata-se de uma referência ao escritor mineiro Autran Dourado. Além do princípio cômico que essa inversão desencadeia, há uma referência ao romance do escritor em questão, *O Risco do Bordado*, publicado em 1970. Esse romance traz uma narrativa em que o protagonista João da Fonseca Ribeiro retorna ao cenário de sua infância e reconstrói o relato de sua adolescência por meio do resgate de fragmentos de memória de outras personagens. A obra resgata também a atmosfera onírica e labiríntica da memória.

O romance de Sabino contém muitas semelhanças com o de Autran Dourado, pois tem um relato biográfico fragmentado construído a partir da reunião de recordações memorialísticas das demais personagens. Como já foi dito anteriormente, em *O Grande Mentecapto*, o narrador reconstrói a biografia do anti-herói Viramundo a partir de suas pesquisas baseadas na memória de personagens mineiras.

A atmosfera onírica e labiríntica também se faz presente no romance de Sabino, pois Viramundo percorre diversas cidades mineiras ao longo de sua vida de andarilho, mas o narrador, por apoiar-se em fatos da memória individual, coletiva e até metalinguística — citações e referências a autores e obras literárias — não consegue reconstruir completamente a biografia do protagonista. O narrador, e conseqüentemente o leitor, se perdem no labirinto da memória e no labirinto espacial que é o estado de Minas Gerais, pois em diversos pontos da narrativa desconhecemos o paradeiro do protagonista.

Além do romance de Autran Dourado, no excerto de *O Grande Mentecapto* acima mencionado é feita uma referência ao romance *Crônica da Casa Assassinada*, de 1958, do escritor Lúcio Cardoso. O narrador do romance de Sabino, ao retomar a lembrança da casa assassinada, no momento em que irá narrar uma história de fantasma, apropriando-se da mesma para conferir um ambiente misterioso e mórbido à sua obra.

Em outro episódio da narrativa, o narrador revela não saber onde fica a cidade de Santana do Rio Verde, o lugar para onde foi o protagonista: “Soube que saiu de Curvelo ao amanhecer — alguém o viu caminhando pela estrada que leva a Santana do Rio Verde” (SABINO, 2006, p. 186-187). Essa é uma cidade fictícia criada pelo escritor mineiro Cyro dos Anjos, que dá nome também a uma parte do seu livro de memórias chamado *A menina do Sobrado*, de 1979. O romance de Sabino refere-se às obras de Cyro dos Anjos mais de uma vez, pois podemos encontrar outras referências, como às obras *Montanha*, de 1956, e *O Amanuense Belmiro*, de 1937:

Que não passava de um mero distrito de Montes Claros. Isso de Santana do Rio Verde era arte e manha de um cujo de nome dos Arcanjos, dito Belmyro, que nasceu lá e depois de se apaixonar pela menina do sobrado (o único existente então no lugar), mudou-se para a capital onde, de amanuense, passou a escrita maior da montanha, laureado e aclamado (SABINO, 2006, p. 190).

Na passagem acima, há novamente um jogo burlesco por parte do narrador, que desloca e desvia o nome do autor Cyro dos Anjos e os títulos de suas obras: *A menina do Sobrado*, *Montanha* e *O Amanuense Belmiro*. Outro ponto interessante é a inserção da cidade fictícia de Santana do Rio Verde como um distrito da cidade mineira Montes Claros, que possui um referente no mundo real. Trata-se novamente dos desvios carnavalescos e do questionamento sobre as fronteiras entre a realidade e a ficção. Em *A menina do Sobrado*, temos uma narrativa memorialística que traz reflexões que oscilam entre o individual e o coletivo, tempos e lugares, recordações pessoais e citações de obras literárias clássicas.

Podemos identificar muitos pontos em comum entre essa obra e *O Grande Mentecapto*, tais como as oscilações memorialísticas entre o individual e o coletivo, como já foi anteriormente exposto, e as recordações pessoais mescladas com citações literárias. Embora não estabeleça um diálogo intertextual somente com obras clássicas, mas com vários tipos de obras literárias, há em *O Grande Mentecapto* um jogo narrativo que mescla fatos fictícios — obras literárias — e fatos com referentes em uma realidade exterior ao romance.

Em *Montanha* podemos perceber o engajamento social presente também no romance de Sabino. Já *O Amanuense Belmiro* traz a escrita vista como um modo de liberdade, pois o narrador Belmiro Borba conta ao leitor seus sonhos frustrados, seu cotidiano, suas relações pessoais, expressando sempre a tensão entre a realidade e o sonho, que também se faz presente em *O Grande Mentecapto*, tanto no plano do discurso narrativo quanto no plano do conteúdo narrado.

No romance de Sabino, também são citadas as obras dos irmãos Machado:

Em Sabará não chegou a morar na célebre pensão das três gordas. As gordas tinham morrido de enfiada e a casa fora parcialmente demolida a machado pelo último hóspede, um tal chamado João Ternura, e sua irmã Lúcia, obra consumada mais tarde por um fidalgo de nome Rodrigo, que acabou de tombá-la (SABINO, 2006, p. 187).

No trecho acima, há referência ao primeiro volume, *Passeio a Sabará*, de uma trilogia da autora Lúcia Machado de Almeida, publicado em 1960, em que a autora oferece aos leitores um passeio literário por Sabará, sua cidade natal. Além disso, existe no trecho acima uma referência à obra *João Ternura*, de Anibal Machado, publicada em 1965. Esse romance de Machado guarda fortes relações semânticas com o romance de Sabino, pois também mistura realidade e fantasia, ficção e memória, etc. Além dessas relações do ponto de vista da construção narrativa, existem semelhanças quanto à personalidade dos protagonistas João Ternura e Viramundo.

João Ternura é um personagem puro, inocente e que não se adéqua muito bem ao mundo que o rodeia e que é capaz de atos heroicos. Esses aspectos todos estão presentes também na personalidade de Geraldo Viramundo, personagem puro e inocente, marginal à sociedade, capaz de atos nobre e heróicos, que o situam sempre no limite entre herói e anti-herói. Além disso, podemos lembrar que o romance de Machado termina em uma festa de carnaval e *O Grande Mentecapto* tem como elemento fulcral o jogo carnavalesco, a tradição carnavalesca, realista e satírica.

Em uma de suas peregrinações, Viramundo depara-se com outro personagem saído das páginas de um romance: “Em Vila do Príncipe tomou uma carona no caminhão de Jorge França Júnior, um brasileiro” (SABINO, 2006, p. 188). O episódio traz uma referência ao romance *Jorge, um brasileiro*, do mineiro Oswaldo França Júnior, publicado em 1967. Esse romance traz também uma forte crítica social à situação dos caminhoneiros no Brasil e a presença de obras como essa intensifica a sátira do romance de Sabino. Vale destacar também

o jogo linguístico do narrador, que mescla o título do romance com o nome do autor Oswaldo França Júnior.

Os personagens da obra *O Braço Direito*, de Otto Lara Resende, publicada em 1964, também estão presentes em *O Grande Mentecapto*, mas é o personagem do farmacêutico e maestro Policarpo que se refere a ela: “— Aqui funcionava antigamente um asilo de órfãos. Depois o inspetor do asilo, um tal de Laurindo Flores, matou o Coronel Antônio Pio, foi preso e o asilo acabou” (SABINO, 2006, p. 142).

Em *O Braço Direito*, romance narrado em primeira pessoa pelo zelador, percebemos o mundo a partir do ponto de vista do protagonista que, ao narrar, vai revelando o contexto social em que vive, com todos os seus vícios e desvios. Apesar de o protagonista Geraldo Viramundo não prender-se às convenções e leis sociais como o zelador, a realidade política, histórica e social da narrativa é revelada aos leitores por meio de seu ponto de vista, sua percepção, pois o protagonista é o porta-voz da sátira.

Por fim, o poeta Alphonsus de Guimaraens é citado mais de uma vez em *O Grande Mentecapto*: “[Viramundo] burlara a vigilância do irmão que fora levá-lo à estação, porque não queria partir sem um último adeus ao túmulo do poeta Alphonsus de Guimaraens, seu único amigo em Mariana, cujos versos sabia de cor” (SABINO, 2006, p.42). Essa visita ao túmulo do referido poeta desencadeia um episódio cômico no qual Viramundo é confundido com um fantasma.

Em outro momento da narrativa, a citação feita por Viramundo de alguns fragmentos do poema *São Bom Jesus de Matozinho*, do livro *Vila Rica*, de Alphonsus de Guimaraens, traz um sentido mais próximo do trágico:

Viramundo repetia mentalmente os versos de Alphonsus de Guimaraens sobre aquele lugar, que sabia de cor:

*Vai-se pela ladeira acima
Até chegar no alto do morro.
Tão longe...mas quem desanima.
Se Ele é o Senhor do Bom-Socorro!*

Eram versos que falavam justamente do que estava se passando ao seu redor:
*Quando o jubileu se aproxima,
Ai! ...quanta gente sobe o morro...
Tão longe...mas quem desanima,
Se Ele é o Senhor do Bom-Socorro!*

*Entrevados de muitos anos,
Vão de rastros pelos caminhos*

*Olhar nos olhos tão humanos
De Bom Jesus de Matozinhos.*

*Saem dos leitos, como de essas,
Espectros cheios de esperança,
E vão cumprir loucas promessas,
Pois de esperar a fé não cansa.*

—Ai que eu já não aguento! — gemeu o velho Elias.
Viramundo deu-lhe o braço e repetiu os últimos versos em voz alta:

— *Direis talvez: “Chegar lá encima...
Antes de lá chegar eu morro!
Tão longe...” Mas quem desanima
Se Ele é o Senhor do Bom-Socorro!* (SABINO, 2006, p. 160-161).

A citação dos versos de Alphonsus de Guimaraens nesse episódio do romance dá à narrativa uma carga emotiva muito grande, pois traz para o romance uma atmosfera de fé e sofrimento. A citação acima se faz presente no episódio em que Viramundo acompanha seu amigo, o cego Elias, até a igreja em Congonhas do Campo, porque o cego estava indo pedir o milagre da visão. O episódio que se segue a essas orações na igreja é bastante trágico: o assassinato do cego a golpes de sabre.

Com base em tudo o que foi exposto, é possível perceber que *O Grande Mentecapto* é um romance dialógico, no qual as referências e citações não são aleatórias, mas cumprem um papel importante, transformando o discurso carnavalesco e contribuindo com a construção de novos sentidos a partir do diálogo intertextual. Por meio das citações e referências a autores e obras literárias mineiras é possível perceber também que o narrador realiza um jogo burlesco e lúdico com as fronteiras entre o real e o fictício, construindo uma narrativa carnavalesca, aberta e singular, com espaço para a interação de diversos discursos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et alli. São Paulo: Hucitec, 1988.

KRISTEVA, J. *Introdução à Semanálise*. Tradução de L. H. F. Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

SABINO, F. *O grande mentecapto: relato das aventuras e desventuras de Viramundo e de suas inenarráveis peregrinações*. 67. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006.

RECORTE – revista eletrônica
ISSN 1807-8591
Mestrado em Letras: Linguagem, Discurso e Cultura / UNINCOR
ANO 9 - N.º 1

SAMOYAULT, T. *A intertextualidade*. Tradução de S. Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

Artigo recebido em maio de 2012.
Artigo aceito em junho de 2012.